

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender.** São Paulo: Paz e Terra, 2012.

Arnaldo Nogaro

Doutor em Educação – UFRGS

Professor da URI Erechim e Frederico Westphalen.

A obra tem a autoria de Carla Rinaldi, ex-diretora dos centros municipais para a primeira infância de Reggio Emilia e sucessora de Loris Malaguzzi (mentor teórico e idealizador da pedagogia desenvolvida nas escolas). Seu título contempla três verbos de significado profundo: escutar, investigar e aprender, reveladores da filosofia que nutriu as ações naqueles espaços educativos.

O livro está estruturado em quinze capítulos, com 397 páginas, distribuídas entre artigos, palestras e entrevistas, consideradas mais importantes por Rinaldi dos anos de 1984 a 2004. A autora empresta seus olhos e sua inteligência para narrar seu percurso profissional em diferentes momentos de sua história e a experiência das escolas de Reggio Emilia como um projeto que, vivido e testemunhado com autenticidade e conhecimento de causa, foi construído na coletividade. Um projeto que optou por destacar como as riquezas da espécie humana transcendem as culturas individuais, o que exige responsabilidade e participação de todos.

Reggio Emilia, retratada na obra, inicia após a Segunda Guerra Mundial, em meio à reconstrução da Europa e da Itália, em uma cidade no nordeste da Itália¹, antes conhecida apenas pelo seu vinho e hoje referência mundial na educação da primeira infância.

A leitura do livro torna-se uma oportunidade para conhecer práticas de Educação Infantil que atraí os olhos do mundo todo.

O que haveria lá de tão especial? Por que se constituiu nesta referência? À medida que se vai adentrando na obra, cuja linguagem é simples e fluente, começa-se a perceber características que tornaram aqueles espaços escolares *sui generis*. Uma obra singular resultante do pensamento e trabalho dos atores que se distribuem naquele espaço e realizam seu trabalho (funcionários, professores, auxiliares, psicólogos, pedagogos, atelieristas, gestores...).

No início do livro, em “Nota sobre terminologias” há esclarecimentos que deixam transparecer os princípios filosóficos, pedagógicos e o zelo pela primeira infância, tão caros a Reggio Emilia. Na Itália há duas denominações para o que nós identificamos como Educação Infantil no Brasil: *nido*, tido como um centro ou creche que abriga crianças de três meses a três anos e *Scuola dell’infanzia* que atende crianças de três anos a seis anos. Já a denominação “escola” é empregada para identificar todos os locais de aprendizagem, tanto de crianças recém nascidas, como para outras faixas etárias maiores. No Brasil não fazemos esta distinção, denominamos escola o espaço formal de aprendizagem para qualquer faixa etária, diferenciando apenas os níveis de educação: Infantil, Fundamental e Médio, para cada idade correspondente. Isto pode ser visto apenas como uma questão semântica, mas cremos que revela algo mais contundente,

profundo, uma atenção primordial com a criança na sua tenra idade. Sinaliza conhecimento da importância desta faixa etária para o desenvolvimento equilibrado e sadio do ser humano.

Para a autora do “Prólogo”, o livro é um chamamento à ação e uma convocação a todos os atores sociais que trabalham em espaços educativos para a defesa da infância através de um diálogo verdadeiro, transparente e transformador, conscientes das nossas escolhas e de quanto temos que aprender com as crianças. “É o contrário da indiferença, do conformismo e da negligência” (p. 16).

Reggio constitui-se no conjunto de trinta e três escolas municipais para crianças que vão da idade de alguns meses até seis anos. Mais que um acontecimento histórico, representa “[...] um corpo único de teoria e prática sobre o trabalho com crianças pequenas e suas famílias, surgido em contextos histórico, cultural e político bastante particulares” (p. 20).

A peculiaridade de Reggio está em ser um experimento pedagógico em toda uma comunidade. Ela atrai sobre si importantes olhares e pensadores como Gilles Deleuze e Howard Gardner. Os educadores, considerados protagonistas, reuniram teorias e conceitos de diversos campos diferentes, não apenas da educação, mas também da filosofia, da arquitetura, da ciência, da literatura e da comunicação visual. “Uma escola à frente de seu tempo” talvez possa ser um bom jargão para descrever o que encontramos nesta experiência. As teorias de Piaget, Vygostki, Dewey, Montessori... são incorporadas ao cotidiano, que somadas a uma tradição de vida coletiva em comunidades coesas, pautadas por normas de reciprocidade e confiança, ampliam o capital social e contribuem, sobremaneira, para concretização exitosa do trabalho.

A utopia de Reggio está enraizada nos ideais socialistas que tomaram conta daque-

la região da Itália no final do século XIX e início do XX. Foi um marco na luta contra as ideias fascistas e ao monopólio da igreja católica na educação das crianças pequenas. A concepção pedagógica e filosófica subjacente apontava para tornar-se um desafio à lógica liberal e de mercado que se instalava na sociedade global, contrariando o direito coletivo à educação. “Eles acreditavam na importância da escolha dos serviços públicos, mas escolha como decisão política e ética, feita na relação com os outros, e não apenas como decisão tomada por consumidores individuais” (p. 34).

O atendimento às crianças era concebido como um serviço público de responsabilidade coletiva e a escola como espaço para a prática ética e política, um local de encontro, interação e conexão entre cidadãos de uma comunidade, um lugar no qual as relações combinam “[...] um imenso respeito pela alteridade, pela diferença, com profundo senso de responsabilidade em relação ao outro, um lugar de intensa interdependência” (p. 35).

A prática da escola orienta-se por concepção acurada do “ser criança”, lugar de transmissão e de criação de valores, de reconhecimento das crianças como cidadãos. No dizer de Rinaldi: “[...] a infância não existe, nós a criamos na sociedade, como tema público. Trata-se de uma construção social, política e histórica” (p. 39). O trabalho educativo segue seu curso tomando por parâmetro a criança como possibilidade e rica em potencialidades. O ambiente educacional deveria oportunizar a ampliação e o afloramento dos atributos inerentes à criança. Rompe com a perspectiva da “criança como ausência” ou como um ser de “faltas”, “lacunas”. Este entendimento qualifica Reggio como um movimento social pela infância e suas escolas como espaços para a prática democrática.

Com forte ênfase na documentação pedagógica e na escuta da criança, ganha visibilidade, aprimora o diálogo e revitaliza

a esperança nas novas gerações. Traduz um sentimento de pertencimento à comunidade e sugere valores e modos de pensar àqueles que sonham e esperam por um mundo melhor, não só como expectativa, mas como direito das crianças e adultos. O objetivo da pedagogia da escuta é compartilhar saberes, auxiliar as crianças a descobrir o sentido do que fazem, o significado mais profundo. “Por trás do ato de escuta existe normalmente uma curiosidade, um desejo, uma dúvida, um interesse; há sempre alguma emoção” (p. 124). A orientação aos envolvidos com as crianças é para dar vazão à sua criatividade e expressão do pensamento. Elas são naturalmente voltadas para a descoberta e ávidas investigadoras, passam de uma linguagem à outra com facilidade e, portanto, devem encontrar ambiente oportuno ao desenvolvimento de sua sensibilidade natural ao novo, possam expandir ideias, construir novas conexões de pensamento. Em outras palavras, o aprendizado deve ser criativo e não somente uma “hora da criatividade”.

A prática de Reggio cria vínculos profundos com as famílias, estimulando a participação dos pais no dia a dia, trazendo-os para o seio da escola. A conquista de seu apoio foi fundamental para o sucesso do trabalho. Ser sensível às suas necessidades abre espaço, dialoga e desenvolve uma relação de osmose na educação das crianças.

Uma das características marcantes e notáveis do trabalho em Reggio diz respeito à sua preocupação com o planejamento do trabalho. Empregam a expressão da língua italiana *progettazione* (do verbo *progettare* cuja variedade de significados – inventar, planejar, elaborar, projetar – são utilizados no sentido técnico de engenharia) para traduzir o significado especial da abordagem mais global e flexível onde hipóteses iniciais são elaboradas e, conforme sua execução e necessidade, modificadas e alteradas para atender ao andamento do trabalho.

Os professores são a peça chave na articulação do trabalho, pois são vistos como aqueles que têm o fio, que constroem e constituem os entrelaçamentos, como pesquisadores da prática e promotores das conexões, da rede de relacionamentos, para transformá-los em experiências significantes de interação e comunicação. Malaguzzi sabia da importância estratégica dos professores, por isso lutava por condições de trabalho e por remuneração digna. Na visão de Rinaldi (2012), a definição da identidade profissional do professor, então, não é vista em termos abstratos, mas em contextos, em relação aos colegas, aos pais e, acima de tudo, às crianças, mas também em relação à sua própria identidade e à sua formação pessoal e educacional, além da sua experiência.

Reggio Emilia é muito mais que experiência educacional, é uma metáfora e um lugar simbólico para pensar a infância, cultivar a esperança, acreditar na possibilidade de mudança e acalentar sonhos. Estes nos permitem ouvir nosso tempo, são um risco, mas também uma força essencial em favor de nosso projeto humano. Reggio merece ser conhecida e divulgada, pois aguça nossa curiosidade e nosso faro educativo, quem sabe começemos pela leitura desta obra resenhada.

NOTA

¹Uma pequena cidade denominada Villa Cella é o marco zero da experiência. Hoje a denominação é Reggio Emilia com aproximadamente 150 mil habitantes.

